

## **RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA CRIANÇA AUTISTA E SUPERDOTADA**

Autor: Érica Raiane de Santana Galvão  
*Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: [ericaraiane7@gmail.com](mailto:ericaraiane7@gmail.com)*

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo funda-se em experiências vivenciadas no estágio curricular supervisionado do curso de Licenciatura em Pedagogia. O estágio é composto por um período de observação e um período onde é desenvolvido o projeto de intervenção. O estágio está em andamento em uma escola municipal de Garanhuns-PE. O período de estágio é fundamental para a formação de educadores. É o momento inicial da congruência entre teoria e prática, possibilitando experiências que promovem significativos aprendizados.

No período de observação, tomei conhecimento, através da professora regente, que na turma havia um aluno autista que já sabe ler. No segundo dia de observação tive a oportunidade de conhecê-lo e admirei-me ao ouvi-lo lendo. Surgiu então o desejo de aprofundar os meus conhecimentos sobre essa temática, de conversar com a sua família e, por fim, escrever sobre essa experiência tão rica.

Cunha, Bordini e Caetano (2015, p. 13) descrevem que autismo é um termo utilizado para caracterizar quadros que variam amplamente na forma de apresentação clínica e na qualidade do comprometimento. O termo espectro é conceito da psiquiatria moderna que demonstra que algumas dimensões de sintomas variam em amplitude e intensidade. Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) afetam duas áreas principais: (1) interação social, linguagem verbal e não verbal e (2) padrões de comportamento, interesse e atividades repetitivas e estereotipadas.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p.15) define que:

Alunos com altas habilidades/superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

A escola e os professores precisam de preparo e formação específica tanto para receber os alunos diagnosticados com TEA, quanto os alunos superdotados, promovendo assim que a inclusão ocorra de fato. Pode-se ressaltar que “da mesma forma que uma boa semente necessita de condições adequadas [...] para desenvolver-se, também o aluno com altas habilidades necessita de um ambiente adequado, estimulador e rico em experiências” (BRASIL, 2006, p. 11).

O presente trabalho objetiva relatar experiências significativas do estágio supervisionado com um aluno autista que possui evidências claras de superdotação. Há uma necessidade de se falar sobre o tema aludido para aprofundar o conhecimento prático sobre essa temática e para promover a reflexão sobre a necessidade de aperfeiçoamento profissional dos educadores e de todos na escola em prol da educação inclusiva.

### **2 METODOLOGIA**

Para desenvolver a coleta de dados utilizaram-se as técnicas de observação participante e conversas com a professora regente. A observação participante segundo Gil (2008) consiste:

[...] na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (p. 103).

Também houve uma conversa informal com a família do aluno para conhecer mais sobre o processo de desenvolvimento do mesmo.

### **3 AUTISMO & SUPERDOTAÇÃO**

Baron-Cohen (1995) salienta que os sintomas apresentados pelo TEA podem ser explicados em termos de déficit cognitivo central no qual há um comprometimento na capacidade de meta representação. A meta representação diz respeito à capacidade de representação simbólica, habilidade para acessar os estados mentais e inserir-se nos modelos de relações sociais. Segundo Boralli (2007), no autista ocorre uma alteração de doze sentidos, entre eles: tátil, orgânico, audição, linguagem, “eu”, entre outros.

Renzulli (2004) define que as altas habilidades estão divididas em dois grupos: O primeiro grupo é o da superdotação, que diz respeito ao processo de aprendizagem escolar em que o indivíduo demonstra facilidade e rapidez na aprendizagem de conteúdos. O segundo grupo diz respeito à criatividade e produção, relativas nos indivíduos que conseguem produzir com originalidade e inovação.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No decorrer do mês de maio do ano em curso, a parte inicial do estágio curricular foi realizada em uma turma do Ensino Infantil I. No primeiro dia de observação, o aluno com TEA faltou. No segundo dia de observação, ele estava presente. Ele tem um comportamento hiperativo, de modo que entrava e saía da sala no decorrer de toda a manhã. Foi constatado que ele só se aproximava de uma colega, com quem conversa, abraça e trata com afetividade. Não há interação com os outros estudantes. O aluno autista tem quatro anos de idade. No início da manhã, dei-lhe uma folha do meu roteiro de entrevista, a qual ele leu de modo fluente, além de referir-se a muitos termos da língua inglesa.

No terceiro dia de observação, ele apresentava o mesmo comportamento hiperativo. Depois ele começou a chorar muito. Foi neste momento de choro, que ele foi onde eu estava, segurou na minha mão e me levou para perto dele. Então lhe dei um folder de um congresso que, depois de lê-lo, citou os nomes em inglês de todas as cores presentes no folder. Comecei a refletir se ele também sabia escrever, então eu escrevi o nome “congresso” em um papel, ele circulou todas as letras, depois escreveu embaixo. Comecei a ditar palavras aleatórias e ele escreveu todas, com pouquíssimas trocas de letras. Perguntei a professora se ele já tinha escrito na escola e ela disse que ele nunca tinha escrito. Com isso, percebi o alto potencial desse aluno que só precisa ser motivado, mediante um contínuo acompanhamento.

Virgolim (2007, p. 10) afirma que o tema superdotação é ainda pouco falado nas universidades, o que provoca lacunas na formação dos educadores. Nessa perspectiva, nota-se

o quão é essencial que temas relacionados à inclusão sejam amplamente discutidos, para a promoção do desenvolvimento de melhores estratégias, visando um trabalho pedagógico com o alunado. A professora relatou a dificuldade de realizar algum trabalho com este aluno, por não saber o que trabalhar, já que ele está em um nível bem mais avançado do que a turma.

No decorrer de toda a manhã, o aluno não saiu da sala. Isso demonstrou a necessidade da assistência de um profissional de apoio que tenha proximidade e o auxilie na realização de atividades. Apesar de ele ter o conhecimento dos conteúdos, só realiza as atividades se alguém sentar ao lado dele acompanhando-o. Percebe-se a necessidade de um envolvimento entre família e escola que possibilite um melhor desenvolvimento a esta criança. O educando poderá ter melhores desenvolvimentos e aprendizado com um maior esforço de todos que podem contribuir na educação dele.

Ao final da manhã, a mãe e a irmã vieram buscá-lo. Pude conversar com elas sobre como perceberam que ele estava lendo e outros assuntos relacionados. Inicialmente, elas me mostraram o seu laudo. Depois disseram que descobriram que ele sabia ler, quando ele tinha dois anos de idade, quando começou a ler todos os papéis de propaganda eleitoral que eram recebidos no centro da cidade. Depois ele começou a ouvir a irmã estudando inglês e começou a falar em inglês também. Por fim, começou a usar o computador e digitar sozinho. Elas disseram que ele surpreende a cada dia.

Realmente surpreende! Coloquei diversos números em unidade, dezena e centena, ele falou todos os números. Ele demonstra diversas habilidades em linguagem, matemática e inglês. É interessante ressaltar que ele sempre fala na terceira pessoa e em um momento que ele estava fazendo algumas atividades, ele disse “João<sup>1</sup> está fazendo essa ‘atividadezinha’”. Ao invés do “eu estou fazendo...”.

Conforme Cury (2003, p.55) “educar é acreditar na vida, mesmo sob pena de derramar lágrimas. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência. Educar é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração”. É necessário o empenho para auxiliar os alunos autistas e/ou com altas habilidades, além dos demais estudantes. Com dedicação e perseverança podemos alcançar resultados benéficos que farão diferença na vida destas crianças para um melhor desenvolvimento.

## 5 CONCLUSÕES

Nesse período de estágio estou tendo a oportunidade de aprimorar o olhar sobre a educação infantil e sobre a educação inclusiva. A temática da educação inclusiva sempre me interessou. Agora, com esta oportunidade de conhecer essa criança com TEA e altas habilidades, percebo a necessidade dessa temática ser estudada e debatida, para que os educadores possam trabalhar no sentido de aprimorar o potencial destas crianças e para que saibam como planejar e que atividades habilitar para elas.

## REFERÊNCIAS

BARON-COHEN, S. **Mindblindness: Na Essay on Autism and Theory of Mind**. Cambridge: MIT Press, 1995.

BRASIL. **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: altas habilidades/superdotação**. 4. ed. MEC/SEESP, Brasília 2006.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**.

---

<sup>1</sup> Nome fictício.

CUNHA, G.; BORDINI, D.; CAETANO, S. Autismo, transtornos do espectro do autismo. In: CAETANO, S et al (Org). **Autismo, linguagem e cognição**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015. cap. 1, p. 13-16.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**: A educação inteligente; formando jovens educadores e felizes. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

Curso: **Autismo**: Das questões teóricas à prática, Coordenadora do Curso Eliana Rodrigues Boralli – 2007.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

VIRGOLIM, A.M.R. **Altas habilidades/superdotação**: encorajando potenciais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2007.